

## O MUNDO DE ANA

Marcelo Thadeu Quintanilha Martins<sup>1</sup>

**A**

na era um mundo. O seu imenso conhecimento e experiência, que ela compartilhava generosamente com todos que a procuravam, me abriu as portas para um mundo feito de documentos, arquivos e informação. Cada tema, cada pergunta e cada discussão levava a um lugar que ela nunca deixou de explorar com vivo interesse.

Pouquíssimas pessoas dominavam a cartografia desse mundo como ela. Todo esse conhecimento ela dividia com quem aparecesse em seu apartamento, junto do seu cachorro Mosquito e da sua biblioteca, que começava num cômodo e avançava pelos demais, preenchendo toda a residência. Era ali que ela recebia alunos e colegas para discutir projetos, trabalhos e coisas mundanas. Reuniões na casa de Ana transformaram

---

<sup>1</sup> Bacharel e Doutor em História pela Universidade de São Paulo, com especialização em História Social pela PUC-São Paulo. É autor de livros e artigos, e servidor concursado do Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP). Exerceu a função de Diretor Técnico do Centro de Acervo Permanente de 2013 a 2020. Coordenou a elaboração do Guia do Acervo e ministrou aulas do módulo sobre Acervos Permanentes: teoria e prática, do Curso de Introdução à Arquivologia do APESP, em parceria com a EACH-USP, em 2016.



a vida de muitos profissionais, que como eu a procuraram em razão do seu vasto conhecimento arquivístico.

Em 2010, passei a fazer parte do corpo técnico do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Como muitos que entram pela primeira vez em um Arquivo, fui impactado pela visão dos seus depósitos de documentos. No caso do Arquivo Público do Estado: as longas fileiras de prateleiras com latas de alumínio e caixas de papelão, com milhões de documentos do século XVI ao século XX. Minha formação era de historiador. Nunca tinha adentrado na área técnica de um Arquivo nem fazia ideia de como organizar ou descrever um acervo. Para espanto geral, a instituição ainda mantinha os seus documentos classificados por tempo histórico: Colônia, Império e República. Não havia uma diretriz de como tratar os documentos ou produzir instrumentos de pesquisa, até que me chegou em mãos um texto da professora Ana Maria de Almeida Camargo. Ao ler o artigo, tudo se iluminou. Mas ao colocar a “mão na massa”, ou seja, abrir uma lata, fiquei paralisado. Cada documento parecia um enigma e, para piorar, um não conversava com o outro. Então procurei a professora Ana Maria. Só ela, pensei, poderia me ajudar a compreender aquele caos.

Obtive o telefone dela na USP e liguei. Ela atendeu e me convidou para uma conversa no seu apartamento. Ao chegar, pedi desculpa pela minha ignorância e pelas dúvidas que, provavelmente, para ela seriam estúpidas. Mas ela me tranquilizou, disse que era assim mesmo. Ela também tinha dúvidas, todos as tem, e começamos uma conversa sobre arquivos que se estendeu por anos. Para resumir, Ana me apresentou trabalhos sobre a organização de acervos documentais, discorreu sobre os conceitos basilares da Arquivologia, apresentou-me as normas arquivísticas e explicou como elas eram fundamentais para dar sentido aos acervos. Empréstou-me uma série de livros, indicou leituras e me ajudou a desenvolver um projeto que resultou no Guia do Acervo do Arquivo Público do Estado.

Comecei o Guia com a ajuda de dois colegas e dois estagiários, contando sempre com o suporte intelectual da Ana. Como numa empreitada arqueológica, iniciamos pela camada mais profunda e antiga do acervo: os documentos produzidos e acumulados



pelos capitães-generais no exercício de suas funções. Ana me apresentou para a professora Heloísa Bellotto, sua grande amiga e parceira, além de uma conhecedora profunda dos documentos do império português e uma das maiores arquivistas do Brasil. Heloísa orientou e revisou nosso trabalho, tornando-se, junto com Ana, um esteio durante a elaboração do Guia do Acervo. Aos poucos, o trabalho tomou uma proporção maior. Mais técnicos e estagiários se juntaram ao projeto, e o acervo - antes classificado por período histórico - veio a ter seus fundos definidos, bem como o seu contexto de produção, funções, dimensão e conteúdo descritos, seguindo os princípios observados pelo conhecimento arquivístico.

Nesse meio tempo, descobri que Ana teve passagens marcantes pelo Arquivo Público do Estado ao longo da sua trajetória. Em diversos momentos, ela se colocou à disposição dos diretores do Arquivo para realizar projetos visando a organização e disponibilização do seu acervo aos pesquisadores. Ela esteve presente quando da visita do arquivista francês Michel Duchein, em 1978, convidado para fazer um relatório sobre a situação dos Arquivos Públicos no Brasil; elaborou as diretrizes para o fichamento dos documentos cartoriais acumulados no Arquivo Administrativo, de 1928 a 1973; criou um projeto de pesquisa da história administrativa dos fundos que formavam o acervo permanente; e participou da elaboração do Plano de Classificação e Tabela de Temporalidade de Documentos das Atividades Meio da Administração Pública do Estado de São Paulo. Ela também se ocupou da produção e publicação dos manuais de arquivística da coleção "Como Fazer", em parceria com o Arquivo Público do Estado; e foi responsável por levar a ex-militante Inês Etienne Romeu para trabalhar no Arquivo. Única sobrevivente conhecida da "Casa da Morte", em Petrópolis, Etienne descobriu no mundo dos arquivos um caminho para a vida, e por um tempo conseguiu esquecer as feridas na alma produzidas pela tortura.

Ana encarnava a figura do arquivista como sujeito produtor de conhecimento e acreditava que todo arquivista deveria ter um entendimento indispensável do que constitui um documento, de como um arquivo é formado e a sua forma precisa de organização. Ela fugia dos modismos, suspeitava de teorias pós-modernas e valorizava o trabalho de arquivistas do século passado, como Jenkinson, Casanova e Brenneke, que



desenvolveram conceitos essenciais para a área. Refletia sobre o impacto da tecnologia nos arquivos sem abrir mão da questão da Diplomática e da Tipologia Documental, pensando sempre na organização, avaliação, classificação, arranjo e descrição dos documentos. Por tudo isso, há quem diga que ela era apaixonada pelos arquivos. Mas Ana era apaixonada mesmo pelas pessoas, por tudo que era humano. Por ter sofrido, tinha empatia pelos que sofrem. Por gostar de aprender, era solidária com quem queria aprender. Por desfrutar dos amigos, cultivava amizades. E essa paixão ela transportou para o mundo dos arquivos, buscando preservar o elo humano entre os documentos e os seus produtores. Se eu tivesse que lembrar de uma grande lição que Ana deixou, esta seria a necessidade de humanizar os acervos, identificando os tipos documentais para demonstrar as atividades incorporadas nos documentos, trazendo à tona as ações para as quais serviram de instrumento e que lhes conferem um caráter específico e único.

Única também foi a experiência de tê-la conhecido e ser apresentado ao mundo dos arquivos por suas mãos gentis.

---

#### LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.

